

Percepção de professores acerca do bullying na escola: implicações para a prática de enfermagem

Teachers' perception of bullying at school: implications for nursing practice

Percepción de los docentes sobre el bullying en la escuela: implicaciones para la práctica de enfermería

Recebido: 26/11/2022 | Revisado: 10/12/2022 | Aceitado: 12/12/2022 | Publicado: 18/12/2022

Emanoele Leitzke Botelho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2616-8915>
Fundação Universidade do Rio Grande, Brasil
Email: emanueleleitzke@gmail.com

Giovana Calcagno Gomes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2464-1537>
Fundação Universidade do Rio Grande, Brasil
E-mail: giovanacalcagno@furg.br

Pâmela Kath de Oliveira Nörnberg

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5931-3234>
Fundação Universidade do Rio Grande, Brasil
E-mail: pamelakathpko@yahoo.com.br

Tauana Reinstein de Figueiredo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6906-2507>
Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas, Brasil
E-mail: tauanafigu@yahoo.com.br

Leticia Calcagno Gomes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1812-2754>
Fundação Universidade do Rio Grande, Brasil
E-mail: leticiagomescalcagno@furg.br

Stella Minasi de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4724-5032>
Fundação Universidade do Rio Grande, Brasil
E-mail: isminasi@yahoo.com.br

Resumo

O bullying é um tipo de comportamento violento podendo ser expresso de diferentes modos, ou seja, por meio de atitudes intencionais, agressivas e repetitivas adotadas por um ou mais alunos contra outros impossibilitados de se defender. O estudo objetivou conhecer a percepção de professores do ensino fundamental acerca do bullying na escola. Foi realizada uma pesquisa descritiva e exploratória de natureza qualitativa. Participaram 12 professores do ensino fundamental de uma escola municipal de um município do sul do Brasil. Os dados foram coletados por meio de entrevistas e submetidos à Análise de Conteúdo. Obtiveram-se dados acerca da percepção dos professores acerca do *Bullying*, das vivências dos professores com o *Bullying*, das ações dos professores frente ao *Bullying*, do preparo dos professores para atuarem frente ao *Bullying*, da percepção dos professores acerca das causas que levam o agressor a cometer o *Bullying*, das consequências do *Bullying* na percepção do professor, do papel da escola frente ao *Bullying* na percepção do professor e do papel da família frente ao *Bullying* na percepção do professor. Concluiu-se que o *Bullying* é uma realidade nas escolas. Nesse sentido, professores, agentes escolares e famílias precisam ser orientados sobre como agir para prevenir e coibir esse tipo de ação. O enfermeiro da saúde escolar precisa trabalhar com os alunos, pais, professores e funcionários das escolas acerca do que é o *Bullying* e suas consequências, e oferecer subsídios para que possam identificar seus sinais e formas de abordagem junto a vítimas e agressores.

Palavras-chave: Enfermagem; Adolescente; Promoção da saúde na escola; Serviços de enfermagem escolar.

Abstract

Bullying is a type of violent behavior that can be expressed in different ways, that is, through intentional, aggressive and repetitive attitudes adopted by one or more students against others who are unable to defend themselves. The study aimed to know the perception of elementary school teachers about bullying at school. A descriptive and exploratory qualitative research was carried out. Twelve elementary school teachers from a municipal school in a municipality in southern Brazil participated. Data were collected through interviews and submitted to Content Analysis. Data were obtained about the teachers' perception about Bullying, the teachers' experiences with Bullying, the teachers' actions in the face of Bullying, the teachers' preparation to act in the face of Bullying, the teachers' perception of the causes that lead the aggressor to commit Bullying, the consequences of Bullying in the teacher's perception, the role of the school in the face of Bullying in the teacher's perception

and the role of the family in the face of Bullying in the teacher's perception. It was concluded that Bullying is a reality in schools. In this sense, teachers, school agents and families need to be guided on how to act to prevent and curb this type of action. School health nurses need to work with students, parents, teachers and school staff about what Bullying is and its consequences, and offer subsidies so that they can identify its signs and ways of approaching victims and aggressors.

Nursing; Adolescent; Health promotion at school; School nursing services.

Keywords: Nursing; Adolescent; Health promotion at school; School nursing services.

Resumen

El bullying es un tipo de conducta violenta que puede expresarse de diferentes formas, es decir, a través de actitudes intencionadas, agresivas y repetitivas que adopta uno o varios alumnos frente a otros que son incapaces de defenderse. El estudio tuvo como objetivo conocer la percepción de los profesores de la escuela primaria sobre el acoso escolar. Se realizó una investigación cualitativa descriptiva y exploratoria. Participaron 12 profesores de primaria de una escuela municipal de un municipio del sur de Brasil. Los datos fueron recolectados a través de entrevistas y enviados al Análisis de Contenido. Se obtuvieron datos sobre la percepción de los docentes sobre el Bullying, las experiencias de los docentes con el Bullying, las acciones de los docentes frente al Bullying, la preparación de los docentes para actuar frente al Bullying, la percepción de los docentes sobre las causas que provocan el agresor a cometer Bullying, las consecuencias del Bullying en la percepción del docente, el rol de la escuela frente al Bullying en la percepción del docente y el rol de la familia frente al Bullying en la percepción del docente. Se concluyó que el Bullying es una realidad en las escuelas. En este sentido, es necesario orientar a docentes, agentes escolares y familias sobre cómo actuar para prevenir y frenar este tipo de actuaciones. Las enfermeras de salud escolar necesitan trabajar con estudiantes, padres, profesores y personal de la escuela sobre qué es el Bullying y sus consecuencias, y ofrecer subsidios para que puedan identificar sus signos y formas de acercarse a las víctimas y agresores.

Palabras clave: Enfermería; Adolescente; Promoción de la salud en la escuela; Servicios de enfermería escolar.

1. Introdução

A escola é um espaço de relações. Um espaço privilegiado para o desenvolvimento crítico e político do cidadão. Tem como missão primordial desenvolver processos de ensino-aprendizagem. Desempenha papel fundamental na formação e atuação das pessoas em todas as arenas da vida social (Brasil, 2009). Juntamente com outros espaços sociais, ela cumpre papel decisivo na formação dos estudantes, na percepção e construção da cidadania. Desse modo, pode tornar-se *locus* para ações de promoção da saúde para crianças, adolescentes e jovens adultos (Demarzo & Aquilante, 2008; Alves, *et al.*, 2020).

A escola, no mundo atual, deixou de ser considerada como um local seguro e de construção de aprendizados. Várias situações de violência de estudantes contra professores e de estudantes contra estudantes tem sido noticiada nas mídias.

O *bullying* vem se destacando com alta incidência no meio escolar, é considerado um tipo de comportamento violento podendo ser expresso de diferentes modos, ou seja, por meio de atitudes intencionais, agressivas e repetitivas adotadas por um ou mais alunos contra outros impossibilitados de se defender (Dias, 2011; Costa *et al.*, 2021; Martire *et al.*, 2021). Este tipo de violência é de certa forma um dos maiores problemas da educação atual, se insere no contexto da escola por meio de atitudes consideradas banais, mas que afetam o emocional e o social dos indivíduos que o sofrem (Alves, *et al.*, 2020; Brandão *et al.*, 2021)

Os primeiros dados estatísticos acerca do *bullying* foram divulgados no final da década de 80, por Olweus (1993). Olweus (1993) como uma situação no qual um indivíduo ou um grupo reagem com violência tanto fisicamente quanto psicologicamente de forma intencional e repetitiva sem motivo evidente a fim de intimidar e humilhar uma pessoa perante os outros colegas. Caracteriza-se pelo desejo de expor o outro a situações negativas que se repetem ao longo do tempo e geram dificuldades de defesa dos alunos expostos a tais situações (Olweus, 1993).

As manifestações de *bullying* podem ser diretas: nas formas físicas (socos, empurrões, chutes, etc.), verbal (xingamentos, apelidos pejorativos, insultos, entre outros) e psicológica (ameaças, insultos e chantagens) e a forma mais recente o *cyberbullying* que é o uso de mídias sociais (eletrônicas ou de comunicação, internet e telefone celular) para espalhar mensagens ou imagens caluniosas e difamatórias. Pode ocorrer indiretamente, quando a vítima não está presente, como, por exemplo, espalhar fofocas, estragar pertences, exclusão social, entre outras situações (Moura, 2011; Anjos e Ramos, 2020; Cabral *et al.*, 2021; Harth *et al.*, 2022).

Schultz *et al.* (2012) afirma em seu estudo que este fenômeno está cada vez mais presente dentro das escolas, sejam elas públicas ou particulares, rurais ou urbanas, constituindo assim um problema gravíssimo para quase metade das crianças e adolescentes de todo o mundo. É necessário que todas as comunidades escolares estabeleçam juntas regras claras contra o *bullying*, através do planejamento de estratégias de prevenção, pois percebe-se que a falta de intervenções em relação a este fenômeno afeta o processo de aprendizagem dos alunos.

O *bullying*, expressão inglesa, é uma situação no qual um indivíduo ou um grupo reagem com violência, tanto fisicamente quanto psicologicamente, de forma intencional e repetitiva sem motivo evidente a fim de intimidar e humilhar uma pessoa perante os outros colegas. Caracteriza-se pelo desejo de expor o outro a situações negativas que se repetem ao longo do tempo e geram dificuldades de defesa dos alunos expostos a tais situações (Olweus, 1993).

Dados confirmam o crescente aumento da prática do *bullying* nas escolas brasileiras. Uma pesquisa realizada em 2009 pelo Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor (CEATS) e Fundação Instituto de Administração (FIA), demonstra que 70% da amostra de 5.168 estudantes de cinco escolas de cada uma das cinco regiões geográficas do Brasil responderam ter presenciado cenas de agressão entre colegas. Enquanto 30% deles declararam ter vivenciado ao menos uma situação violenta no mesmo período (Brasil, 2010).

Em uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Saúde com o objetivo de identificar a prevalência do *bullying*, envolvendo escolares do nono ano do ensino fundamental de escolas públicas e privadas das capitais dos estados brasileiros e do Distrito Federal constatou-se alta prevalência, estimada em aproximadamente 30%. Verificou-se que o mesmo ocorre, mais frequentemente, entre estudantes do sexo masculino e que a prática entre as meninas pode estar relacionada às formas mais sutis de humilhação, agressividade ou intimidação (Brasil, 2009).

Pouca, ou nenhuma importância é dada a prática do *bullying* dentro do meio familiar, escolar e social, pois muitas vezes é vista como simples brincadeira de criança. No entanto, verifica-se que esta prática pode trazer consequências muitas vezes irreversíveis na vida daquelas que sofrem com esse tipo de agressão. Pode acarretar aos vítimas problemas comportamentais e emocionais, destacando-se o estresse, a diminuição ou perda da autoestima, a ansiedade e depressão, o baixo rendimento escolar e até mesmo, em casos mais severos, o suicídio (Oliveira *et al.*, 2015a; Brandão *et al.*, 2021; Cabral *et al.*, 2021).

Estar envolvido em situações de *bullying*, seja como agressor, vítima ou expectador, não se constitui em um problema escolar que deva ser minimizado. Outro assim pode resultar em graves consequências como a depressão e o suicídio, por exemplo, para as vítimas e a criminalidade ou o comportamento antissocial para os agressores até mesmo na vida adulta (Tfofi *et al.*, 2011; Anjos & Ramos, 2020; Harth *et al.*, 2022).

As práticas de violência, discriminação e preconceito, vivenciadas pelos educandos no cotidiano da escola, tem se tornado um grave problema social e de saúde aos gestores, alunos e pais. Tais práticas, muitas vezes, podem acarretar dificuldades de aprendizagem, somando-se a um baixo rendimento escolar, desencadeando problemas de saúde ao longo da vida. Desta forma, perceber e monitorar as habilidades ou possíveis dificuldades encontradas, entre os alunos no convívio social, é compromisso conjunto de todos que assumiram a responsabilidade de educação, saúde e segurança dos mesmos (Silva *et al.*, 2014a; Barreto *et al.*, 2021; Costa *et al.*, 2021).

Discutir as questões ligadas à prática do *bullying* com a comunidade escolar é importante, pois proporciona a reflexão e, talvez, evite que novos casos ocorram nas unidades escolares. Os professores precisam atuar frente a esta prática por meio de medidas educativas que combatam as ações de violência na escola. As ações devem priorizar a conscientização geral e o apoio às vítimas, fazendo com que se sintam protegidas e a conscientização dos agressores sobre sua incoerente conduta, garantindo um ambiente escolar harmônico e seguro.

Torna-se necessário compreender a forma de violência no âmbito escolar a fim de propor medidas socioeducativas de enfrentamento e conscientização, por parte dos educandos, educadores e pais. Tais medidas precisam garantir a socialização dos estudantes, respeitando as características físicas e sociais de cada um. É necessário devolver à escola sua identidade social de instituição segura, capacitada na formação social de cidadãos críticos e, também, desenvolver na família o compromisso de favorecer um ambiente saudável e de convívio comunitário (Silva *et al.*, 2014a; Barreto *et al.*, 2021; Cabral *et al.*, 2021).

Tais estratégias vêm sendo desenvolvidas através do Programa Saúde na Escola, (PSE) criado em 2007. Trata-se de uma política integrada entre Ministério da Saúde e Ministério da Educação e caracteriza-se como um programa de promoção de saúde, que tem por objetivo contribuir para a formação integral dos estudantes por meio de ações de prevenção, promoção e atenção a saúde, com vistas ao enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o desenvolvimento de crianças e adolescentes das redes públicas de ensino (Brasil, 2009). As escolas são cadastradas ao projeto e vinculadas a uma unidade de saúde, assim, ambas trabalham as necessidades e particularidades dos estudantes envolvidos neste contexto (Brasil, 2010).

É neste cenário que o Enfermeiro entra na escola, tornando-se elo entre os profissionais da educação, alunos e a equipe multiprofissional, de modo a prevenir a prática do *bullying*. Os profissionais da atenção básica, principalmente os enfermeiros, podem intervir neste cenário com o objetivo de identificar situações que podem estar relacionadas à manifestação do fenômeno *bullying*, como a dinâmica e as relações familiares dos envolvidos. Através do Programa Saúde na Escola os profissionais têm a oportunidade de organizar suas ações com o intuito de detectar e diminuir comportamentos agressivos, solucionar conflitos e desenvolver suas habilidades no convívio social, além de trabalhar juntamente com os professores e as famílias estimulando a cultura de não violência. (Silva *et al.*, 2014a; Lima *et al.*, 2021). Outra estratégia pode ser a vinculação do professor com o enfermeiro da rede básica de saúde próximo a esta escola, para amenizar desfechos negativos e prevenir saúde mental de alunos e professores.

Neste contexto, o enfermeiro (a) exerce papel fundamental frente as ações educativas realizadas dentro da escola, a presença do profissional enfermeiro colabora com a melhoria da qualidade de vida dos estudantes o mesmo exerce papel de educador em saúde dentro do espaço escolar (Silva *et al.*, 2014b; Lima *et al.*, 2021). Além disso, este profissional poderá juntamente com professores uma melhor preparação para identificação de situações de ocorrência do *bullying*. Desta forma, acredita-se que ações integradas entre enfermeiros e professores podem favorecer as intervenções dentro do ambiente escolar identificando características individuais, familiares e escolares ligadas à manifestação do *bullying* na escola (Silva *et al.*, 2014a; Silva Júnior *et al.*, 2022).

Para atuar de forma compartilhada torna-se necessário conhecer a percepção de professores acerca da ocorrência do *bullying* no ambiente escolar, buscando instrumentalizá-los para o cuidado às crianças e adolescentes que sofrem com este fenômeno e a lidar com os agressores e famílias. Assim objetivou-se conhecer a percepção de professores do ensino fundamental acerca do *bullying* na escola. Os participantes foram questionados acerca do que entendem por *bullying*; suas vivências de situações de *bullying* no cotidiano de atuação na escola fundamental; seu conhecimento acerca das causas e consequências do *bullying* para vítimas e agressores; sua atuação frente às situações vivenciadas e seu conhecimento acerca do papel deles e da família frente ao *bullying*.

O conhecimento produzido neste estudo possibilitará a reflexão acerca da temática, podendo indicar estratégias de atuação para seu enfrentamento, relacionado à área da saúde, especialmente em relação aos professores das escolas e à enfermagem. Cuidar de uma criança ou adolescente que teve experiências com o *bullying* é um desafio para o professor e a família que necessita do apoio da equipe de enfermagem para a busca de soluções frente a sua ocorrência.

2. Metodologia

Este estudo trata-se de uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. A pesquisa qualitativa lida com o universo de significados, crenças, aspirações, motivos, valores e atitudes. Permite que o autor se envolva diretamente na situação, facilitando a observação dos agentes no seu cotidiano, convivendo e interagindo socialmente com eles. Descritiva porque permite a descrição do fenômeno investigado oportunizando que este se torne conhecido e exploratória porque oferece ao investigador a possibilidade de aumentar sua experiência em torno de determinado problema. (Minayo, 2010)

O estudo foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental, localizada em um município do extremo sul do Brasil. Participaram do estudo 12 professores que atenderam ao critério de inclusão: lecionarem no mínimo há seis meses na escola. Depois de orientados acerca dos objetivos e metodologia do estudo os que aceitaram participar assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias. Foram excluídos professores que estavam de férias e licença saúde no período da coleta dos dados. O número de participantes do estudo foi delimitado pela saturação de dados, ou seja, o número de pessoas que integraram este estudo foi determinado no momento em que não surgiram novas informações e as respostas começaram a se repetir.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas únicas com cada participante de forma a obter uma melhor compreensão da realidade, relativa ao fenômeno em estudo. Foi operacionalizada por meio de um roteiro com perguntas sobre o seu conhecimento acerca do *bullying* na escola. A entrevista é uma atividade em que ocorre uma aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo-se uma combinação particular entre teoria e prática (Minayo, 2010). Foram realizadas no primeiro semestre de 2016. Foi marcado dia e hora para a realização da entrevista. As mesmas foram realizadas na própria escola em sala na biblioteca, pois a mesma garante conforto e privacidade. As entrevistas foram gravadas e transcritas para posterior análise.

Para a análise dos dados foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo, a qual representa um conjunto de técnicas de investigação que, através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação (Bardin, 2011). Dividiu-se em três etapas: a) pré-análise: é a fase de organização dos dados, que possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração das categorias; b) exploração do material: operação de analisar o texto sistematicamente em função das categorias formadas anteriormente e o c) tratamento dos resultados, inferência e interpretação: as categorias que serão utilizadas como unidades de análise são submetidas à discussão por autores estudiosos da temática (Bardin, 2011). Foram considerados os preceitos da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, no que tange aos aspectos éticos para a pesquisa com seres humanos. (Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, 2012).

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Área da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande-CEPAS/FURG recebendo parecer favorável sob número 31/2016. Os participantes foram esclarecidos quanto aos objetivos da pesquisa e da metodologia do estudo e solicitado sua assinatura no Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, em duas vias, sendo uma entregue ao participante da pesquisa e a outra ficou com a pesquisadora principal.

Garantiu-se aos participantes da pesquisa o sigilo das informações obtidas individualmente e a liberdade para se recusarem ou retirarem da pesquisa, em qualquer momento. Os mesmos foram identificados no estudo pela letra de P (professor) seguida do número da entrevista.

3. Resultados

Participaram do estudo doze (12) professoras, sendo todas do sexo feminino, com idades entre 31 e 55 anos, com uma média de 42 anos. Quanto ao estado civil, seis eram casadas, três solteiras, duas divorciadas e uma viúva. De todas as entrevistadas apenas quatro possuíam filhos em idade escolar. Atuavam no ensino fundamental entre 4 e 29 anos, sendo a

média de 14 anos de atuação. Dez atuavam apenas na escola onde a pesquisa foi realizada e duas atuavam em outras duas escolas.

3.1 Percepção dos professores acerca do *Bullying*

Três participantes do estudo referiram que o *Bullying*, é agressão física ou psicológica de um aluno ou um grupo de alunos contra outro. Essas agressões manifestam-se na forma física ou verbal.

“Bom para mim bullying é qualquer tipo de agressão física ou psicológica que um grupo de alunos ou um aluno comete contra outro” (P10).

“Bullying é toda espécie de violência, quando tua faz uma violência ou tu bates ou ameaça com colegas, com professores, aqui na escola mesmo eu percebo tem muita violência verbal, mais do que a física” (P5).

O *Bullying* também é compreendido por quatro entrevistadas, como desrespeito, uma forma de abuso, violação e intimidação, operacionalizada por meio de ofensas veladas ou verbais, sutis ou não sutis, ou por meio de insinuações que afetam o comportamento de quem o sofre.

“Desrespeito pelo próximo, é terrível [...] Principalmente eu acho que é essa palavra o desrespeito” [...] (P9).

“[...] Acho que Bullying é um abuso” [...] (P2).

“[...] Violação, intimidação, ofensas veladas, verbais, insinuações que a gente sabe que as vezes acontece e isso atinge com certeza o comportamento das pessoas” [...] (P3).

“[...] agressões verbais sutil ou não sutil. Às vezes é bem escancarado, às vezes não” [...] (P11).

Foi descrito por duas participantes do estudo como uma forma de humilhação, que afeta a moral, acarretando na exclusão de quem o sofre de grupos sociais.

“[...] Para mim Bullying é isso que acontece hoje no dia a dia, são humilhações, agressões morais com palavras” [...] (P10).

“[...] acarretam em deboches ou até mesmo excluindo o outro em grupos, sem as vezes falar diretamente, mas não aceitando em brincadeiras, não aceitando em grupo de colegas” [...] (P1).

Referem também que o *Bullying* é uma brincadeira de mal gosto, que se apresenta como uma forma de uma criança/adolescente se autoafirmar sobre outra.

“[...] Uma brincadeira de mal gosto” [...] (P2).

“Bullying é uma forma de uma criança se auto afirmar sobre a outra” (P7).

Geralmente, o *Bullying* apresenta-se como uma grosseria em que, quem o pratica, ressalta um defeito, características físicas ou pessoais, como jeito de falar, de se vestir da vítima com o objetivo de denegrir sua imagem. Tal atitude é compreendida como uma prática preconceituosa realizada para intimidar uma criança/adolescente.

“Eu entendo como sendo um preconceito que é feito com outra pessoa. É o preconceito em si” [...] (P1).

“Bullying para mim, é uma pratica preconceituosa, feita por uma pessoa que se considera melhor que a outra e que quer intimidar aquela pessoa” (P4).

Também foi citado por uma entrevistada o *Ciberbullying*, compreendido como de difícil controle, pois se trata do uso da internet para difamar a imagem de uma pessoa.

“[...]Ciberbullying que invade o mundo é muito mais difícil de controlar a internet, e a imagem de uma pessoa pode ser divulgada de uma forma muito errada” [...] (P10).

3.2 Vivências dos professores com o *Bullying*

Em relação à vivência com o *Bullying*, as professoras referenciaram já terem vivenciado situações na sala de aula. Quatro entrevistadas apontaram que é muito comum ocorrerem situações de *Bullying* e que elas ocorrem diariamente, tanto de forma sutil, como na forma de deboches, risos, mas que é facilmente contornável, e que, após intervenção feita por elas, não costuma se repetir.

“Já, sim é muito comum” (P5).

“[...]nessa idade já é bullying muito grande em sala de aula” [...] (P9).

“Já, de forma mais sutil, entre colegas, não tão agressivamente, coisas possíveis de contornar, não tão efetivos, diários, agressões que não se repetiram mais que duas vezes e que eu pude resolver na hora” (P11).

“Sim, diariamente se vê deboches, com palavras com risos, as crianças fazem isso” (P10).

Uma participante do estudo referiu que, muitas vezes, a situação passa despercebida, que o aluno está sendo constrangido em vários locais, sala de aula, pátio, ou até mesmo na hora da saída e o professor com toda percepção que tem não vê. Acaba sabendo da situação somente quando o pai ou a mãe vai até a escola reclamar.

“Já, sim com certeza, é incrível que por mais percepção que tu tenhas da questão da sala de aula, muitas coisas passam despercebidas. Muitas coisas chegam a partir de uma queixa da família. Vem o pai ou a mãe aqui na escola reclamar porque está acontecendo uma determinada situação que, muitas vezes, a gente não está percebendo. Muitas vezes na sala de aula, no pátio, na hora da saída, com alunos meus eu costumava lidar. Muitas vezes aconteceu” (P3).

Quatro participantes do estudo relataram vivências com o *Bullying* intituladas mais cruéis, onde as crianças/adolescentes criticam características físicas de seus colegas: fulano é gordinho, fulano é magro, várias situações. Às vezes, para humilhar aquele que é muito tímido, que é gordinho, um é orelhudo, o outro é magro demais, seco. Afirmaram que crianças com sobrepeso, negras, sempre acabam tendo alguma piadinha em relação a eles, alguma palavra com uma conotação negativa.

“Sim, muito esses dias eu fui fazer um trabalho de IMC (índice de massa corporal), e quando eu fui ver uma aluna estava chorando, aí eu mesmo mexi, a pessoal o meu mesmo está muito acima, é só um cálculo não é para levar muito a sério, e ela chorando, e eu vejo que acontece muito isso essa questão do sobrepeso principalmente nessa idade já é bullying muito grande em sala de aula” (P9).

“[...]em sala de aula eles são bastante cruéis uns com os outros, em questão de namoradinhos, se já beijou se não beijou, em termos de características físicas entre eles, porque o fulano é gordinho, porque o fulano é magro de mais, e n situações” (P8).

Uma das entrevistadas que leciona nas series iniciais, além de relatar o *Bullying* entre pares refere que as crianças menores não percebem a gravidade de suas ações. Para ela muitas vezes isso é retrato de situações presenciadas dentro de casa, que elas acabam reproduzindo na escola.

“Na minha sala de aula como são só pequeninhos já notei. Não sei se é bem Bullying, mas casos de alunos que são mais agressivos, mais mal educados, vamos dizer assim. Eles não têm papas na língua: _ Ah tu és um gordo! _ Ah tu és um chato! _ Não consegues correr. _ Aa, há, há. Fizesses xixi nas calças. Ou na hora da brincadeira: _ Ah não quero brincar com elas. O Bullying nos pequenos acontece de meninos para meninas: _ Ah porque ela é feia, porque ela é negra, porque ela é gorda. Já aconteceu na fala deles, dos pequeninhos. A gente pensa, traz na nossa formação de casa, porque são pequenos né?” (P1).

Outras vezes identificam que ocorrem como fatos isolados, que não estão relacionados à índole ou à formação de quem comete essas ações. Consideram como situações estanques que ocorrem devido à necessidade de autoafirmação de um aluno sobre o outro.

“É isso pode ser o coleguinha que tá fazendo bullying com ele, é uma parceria, acontece muito aqui, esses tempos aconteceu, foi quase um bullying. Graças a deus parou. Foi assim: colegas que andavam junto até ano passado, três coleguinhas escreveram assim do menino, fulano é isso ou aquilo. E ai desenharam um pênis, isso tudo no quadro, ai eu cheguei e perguntei quem foi que escreveu? Aí foram os amigos dele. Que ele já não nada mais com eles..ai claro a gente chamou fizemos eles pedirem desculpas para o menino, porque fica uma coisa humilhante, a coordenadora conversou com eles ,levaram um sermão, ai se arrependeram e tal. Não era o perfil deles, mas acho que aquela coisa de querer se alto afirmar, já estão saindo da escola, estão no último ano” (P4).

As participantes do estudo, inclusive, referenciaram situações que elas mesmas vivenciaram quando alunas, mas que naquela época ainda não recebia o nome de *Bullying*. Uma das participantes porém acredita não ter tanta importância o *Bullying* sofrido, e afirma não vivenciar o *Bullying* no seu trabalho, encarando apenas como uma brincadeira entre crianças. Já

outra participante acredita que hoje em dia o *Bullying* ocorre de maneira mais leve em virtude da inclusão das crianças com alguma deficiência na sala de aula. Ela acredita, que essa questão da inclusão diminuiu o preconceito e que se os alunos aprendem a conviver com um colega com essas limitações. Convivem bem e não fazem *Bullying* com esse colega.

“Quando eu era aluna eu era chamada de Olivia palito, porque eu era muito magra quando criança, mas nunca me importei, nunca achei que tivesse sofrendo bullying, era brincadeira para mim” (P6).

“A Já, a gente vive isso com muita frequência, enquanto aluna, quando eu fui aluna, tive várias experiências relacionadas ao bullying, só que naquela época não tinha esse nome, hoje se estudando e sabendo o conceito sabe-se que aquilo eram manifestações de bullying”[...] (P8).

3.3 Ação dos professores frente ao Bullying

Quando questionadas acerca de suas ações frente ao *Bullying*, quatro professoras referiram como estratégia o dialogo imediato ao acontecimento com os alunos a respeito desta temática, orientando-os quanto à tolerância as diferenças e ao respeito com os colegas.

“[...] então eu procuro trabalhar muito isso na sala de aula com eles, a questão do respeito, que cada um é diferente do outro, que tem que respeitar as diferenças deles, o que pode ou não pode fazer, não debochar, não falar mal do colega” (P1).

“Paro o que estou fazendo na hora e peço para a pessoa pedir desculpas. Faço o máximo para entender que aquilo não tem razão de ser. Eu não deixo passar reto de jeito nenhum” (P2).

“Com certeza eu interfiro. Eu não vou lembrar agora para te explicar, mas com certeza interfiro. Eu já trabalhei isso com eles” (P4).

Além disso, como estratégias de ação, três professoras tentam se apoiar na comunidade familiar, quando observam que a situação do *Bullying* se agrava.

“Se isso acontece na sala de aula no primeiro momento é chamar a mãe. Entrar em contato explicar o que está acontecendo. Perguntar se ele (a criança) traz essa fala em casa, se já ouviu falar, se tem alguém na família que tem esse tipo de preconceito. A gente conversa com os pais e, geralmente, dá resultado. Os pais conversam com eles, dão limites, mas mesmo assim a criança que pratica o Bullying, que é preconceituosa, ela continua fazendo. Ela exclui como amiguinho” (P1).

“Eu procuro escutar, mas sempre assim, as duas partes. Eu gosto sempre de saber quem é que estava fazendo, quem é que estava provocando aquele tipo de comportamento. Às vezes, eu escuto os pais” (P3).

Outra abordagem realizada citada por uma professora em situações de *Bullying* entre os alunos é procurar o auxílio da Orientadora da escola e realizar o encaminhamento psicológico das crianças. Mas só nos casos de difícil resolução.

“[...] eu procuro o auxílio da orientadora para auxiliar, intermediar a conversa. Nunca deixei passar em branco, sempre procurei demonstrar que a gente é contra.” [...] (P3).

“Eu acho uma coisa terrível essa questão de ser intimidado. Muitas vezes o intimidado é aquele que não vai expressar que está sendo intimidado. Isso pode gerar uma série de problemas. Então eu sempre interfeiri. Chegou até mim a situação eu interfiro e procuro resolver dentro dos instrumentos que a gente tem: dialogo, conversa” (P3).

Dentre todas as estratégias de intervenção relatadas, a mais importante e efetiva na percepção de cinco professoras, é a comunicação no momento que o ato acontece, com o intuito de fazer os envolvidos tomarem consciência e responsabilizar-se pelos seus atos, permitindo assim que a vítima seja assistida e o agressor seja repreendido, tentando impedir a continuação deste ciclo.

“Depende de cada caso. Geralmente, a gente para, quando está acontecendo dentro de sala de aula, zum zum que se escuta alguma coisa assim. Eu sempre paro a aula e peço para que a situação seja relatada e coloque o que que está acontecendo. Ambas as partes então se manifestam, quem está fazendo e quem está sofrendo. Sempre é feita uma conversa. Depois realizamos um jogo ou algo assim para mostrar que as pessoas são diferentes, ninguém é igual ao outro, que uns tem características que a sociedade coloca com determinados valores, que o gordinho é visto como alguém não tão bonito na sociedade. Mas que é a sociedade que coloca esse valor e a pessoa não tem que se importar com isso. Ela tem que ser feliz. Ela mesma se ela se sente bem assim, se não é uma questão de saúde, é sempre dessa maneira que é colocado” (P8).

“[...]jai foi quando ela acabou resolvendo falar: _ A professora eu sou gorda, todo mundo me chama de gorda. Ai eu disse: _ A fulana o meu peso também está lá em cima. Tu tens que te gostar. Tu não tens que ouvir o que os outros falam. Ai ela parou de chorar. Mas é difícil” (P9).

3.4 Preparo dos professores para atuarem frente ao *Bullying*

Quanto ao preparo dos professores para atuarem frente ao *Bullying* na escola, evidenciou-se que 100% dos participantes do estudo, ou seja, as doze professoras participaram de um projeto particular promovido por uma professora dentro da escola, e algumas delas realizaram um curso promovido pela Secretaria da Saúde abordando esta temática. Além disso, tentam levar este instrumento para dentro da sala de aula.

“Já, a gente já fez oficinas, no sábado de formação que a gente tem. Trabalhamos a questão de exclusão de alunos. Foi preciso discutir vários tipos de preconceitos até mesmos sobre os deficientes, pois eles também sofrem bullying” (P1).

“Já sim com certeza. Tem um projeto da professora fulana que os próprios alunos já sabem o que é. Os pequenos e os adolescentes já refletem, não é um segredo”(P2).

“Já, todos os anos discutimos sobre a temática. Eu passo os temas transversais na língua portuguesa e a gente tem a disciplina de valores que é ensino religioso que a professora trabalha muito a questão do bullying, preconceito, diversidade sexual. Todos esses temas que estão em alta no momento nós trabalhamos aqui no colégio” (P8).

3.5 Percepção dos professores acerca das causas que levam o agressor a cometer o *Bullying*

Dentre as causas que levam os alunos a praticarem o *Bullying* verificaram-se os problemas familiares, situações vivenciadas em casa, que repercutem no comportamento do agressor ou até mesmo da vítima. Cinco professoras acreditam que crianças agressivas, só estão repetindo uma violência já sofrida anteriormente dentro de casa. Na opinião dos mesmos ele precisa cometer tal agressão para se sentir melhor, extravasar sua raiva e repassar o que sofreu.

“[...] mas pode ser que ele tenha problema de autoestima, sofra violência em casa. Então, ele repete aquela violência que ele sofreu” (P5).

“Acho que quem comete é porque já sofreu aquilo ali. Ai ele precisa fazer aquilo para expor sua raiva, sua agressividade no outro” (P10).

“[...] Os problemas familiares mesmo que eles acabam recriando ou descontando na escola situações vivenciadas em casa. São agredidos em casa, não podem se voltar em casa contra os pais ou os agressores então eles repetem na escola com quem eles acham menos forte, com quem eles podem” (P6).

Outro aspecto elencado pelas professoras foram os problemas comportamentais apresentados pelo agressor, questões de baixa autoestima, utilizando o *Bullying* como uma forma de superioridade, agredindo a vítima para se sentir melhor.

“Eu acho porque ele é infeliz consigo mesmo, então ele tem que buscar uma satisfação quando ele agride o outro. Ele se satisfaz, sente prazer naquilo ali. Eu acho que só aquilo ali tem bom para ele no momento. Acredito que seja isso” (P8).

“Às vezes, são problemas deles mesmos internos. Ai eles agredem as outras pessoas para tentar se sentir melhor” (P5).

“[...] às vezes até uma mente perturbada, que acha que está fazendo o certo. Mas se ninguém interferir ele pode continuar praticando aquilo até de uma forma mais grave, mais adiante” (P3).

Além disso, citaram como motivo a falta de conscientização da gravidade do *Bullying*, de quanto essas ações podem estar fazendo mal para o colega, acreditando que aquilo é apenas uma brincadeira.

“No caso dos pequenos eles ainda não têm limites, não tem consciência que estão fazendo mal, chamando o outro coleguinha de gordinho” (P1).

“Muitas vezes não entendem por bullying. Não sabem o quanto estão o prejudicando o outro. Acham que é só uma brincadeira, mas não é uma brincadeira [...]” (P9).

Outro motivo citado por quatro professoras como sendo o causador do *Bullying* foi a necessidade de exibir-se frente aos pares, bem como a necessidade de autoafirmação e superioridade perante os colegas de classe.

“Olha eu acho que tem vários fatores, eu acho que tem a questão de se mostrar o todo poderoso, que é o popular, para chamar a atenção [...]. O que a gente mais vê é aquele que quer ser o dominante na turma aí ele vai intimidar os outros através da violência. Eu vejo mais, por meio disso mesmo, de comandar de mandar, aparecer” (P4).

“[...]N motivos, mas tem o exibicionismo de querer ser o melhor da turma, a questão do líder” (P6).

“O agressor quer ganhar plateia” (P2).

“Quem pratica eu acho que se sente o superpoderoso, porque se ninguém interfere ele, acha que aquilo é certo e cada vez faz pior” (P3).

3.6 Consequências do *Bullying* na percepção do professor

Quanto à percepção das professoras em relação às consequências do *bullying*, percebeu-se que, para elas, esta situação pode causar diversas alterações tanto psicológicas quanto físicas a médio e longo prazo na vida dos alunos. Foram elencadas como consequências o isolamento social, a depressão, sentimentos de raiva e inferioridade e baixa autoestima.

“Sofre, fica calado, se afasta, fica depressivo, sente raiva, vejo muito manifestação de raiva em adolescentes, ou então pra não ficar com jeito de excluído, começa a debochar junto dele próprio. No fundo no fundo está chateado, mas só pra não ficar de fora vou ser também tua plateia. Afeta o psicológico das pessoas no futuro prévio e num futuro distante”[...] (P2)

“Muitas sequelas, principalmente se não tem interferência nenhuma se aquilo continua acontecendo sistematicamente eu acho que isso causa sequelas pra sempre e deixa sequelas até que não são reparáveis, em termos de comportamento, aquela pessoa ou que tem um comportamento mais agressivo, ou um comportamento mais introvertido” (P3)

*“Toda criança que sofre *bullying* se sente diminuída, se sente lesada de alguma forma” (P7).*

Referiram, também, que o *bullying* pode levar ao afastamento do ambiente escolar tanto por parte do aluno como por parte dos pais.

*“[...] quando eles são pequenininhos eles começam a não querer vim para a escola, até os adolescentes, os adolescentes começam a entrar em depressão, ficam mais introspectivos ainda, tem uma que já é tímido e começa a sofrer *bullying*, aí mesmo que ele não fala, por isso também é importante a questão do professor observar e ver se o aluno está se tornando mais quietinho do que o normal, não conversa com ninguém, não socializa com a turma assim em comportamento por causa de *bullying*” (P4).*

*“[...]eles choram, ficam tristes, muitos não querem vir na escola, trocam de escola se necessário, ou pedem pra trocar, evitam, eles querem evitar, realmente é muito triste pra quem sofre *bullying*” (P5).*

Vítimas de *bullying* podem apresentar dificuldade de aprendizagem, bem como reprovação do ano letivo.

“Como eu te falei causa consequências mais adiante ou até agora mesmo, a pessoa fica ali não pergunta, eu digo o reflexo dentro de sala de aula, existem consequências muito maiores, dentro de sala de aula ela acaba reprovando porque ela fica ali, ela não fala ela procura não aparecer dentro de sala de aula, tá ali no canto dela e não pergunta, não fala, não expõe o que tá pensando, por causa disso e as vezes acaba reprovando” (P9).

“[...]é muito grave porque mexe com a autoestima de quem tá sofrendo bullying, o desenvolvimento na sala de aula e de aprendizagem não fica o mesmo, porque a criança ou adolescente acaba indo para escola sempre com aquela situação na cabeça, e aí o que tem que aproveitar na escola, não consegue porque tá sendo constrangido diariamente, e aí situação fica a pra vida inteira” (P11).

Uma das professoras relatou que a principal consequência do *bullying* para a vítima é a tentativa de suicídio.

“Pelo que estudei existe várias consequências, tanto psicológicas quanto físicas, e muitas vezes é tão grave que o aluno se afasta da escola e até pode cometer o suicídio” (P10).

3.7 O papel da escola frente ao *Bullying* na percepção do professor

Seis professoras relataram que a participação do ambiente escolar frente ao *bullying* se dá de forma integrada entre a comunidade escolar e as famílias, formando uma parceria na identificação destes casos, bem como na sua prevenção e controle. O professor na percepção dos entrevistados possui o papel de orientador e intermediário entre a vítima e o agressor.

“A escola tem que tentar intervir junto à família, junto com os professores, junto com os alunos, até na escola nós temos assim. Sempre temos alguma atividade extra, algum seminário. Precisamos trabalhar com todos os professores esse tema e com os alunos também” (P5).

“O papel da escola é sempre buscar orientar. O orientador da escola tem esse papel mais efetivo, mas o professor é o intermediário, é ele quem vai fazer o contato de quem sofre e de quem é o causador no caso” (P11).

“Na escola acredito que é esse chamamento, fazer palestras, porque com os pais dos pequenos ainda não teve aqui acredito que pelo currículo pequeno. Só teve com os maiores, a situação é os pais estarem sabendo o que está acontecendo” (P1).

“Tanto a escola quanto a família são muito importantes, porque não adianta só a professora em sala de aula chamar, mostrar, explicar, e levar a questão do conhecimento” (P8).

Outro aspecto elencado pelas professoras como papel da escola frente ao *Bullying* é trabalhar esta temática dentro da sala de aula no cotidiano letivo, ressaltando sempre a comunicação, o respeito com o outro, a educação, a solidariedade e a amizade. Também como papel da escola as professoras identificaram o policiamento e a fiscalização de atos ou atitudes consideradas suspeitas, evitando assim a perpetuação do *Bullying* no ambiente escolar.

“[...] e o ensinar é na sala de aula, claro que nós como educadores reforçamos os valores, tentamos passar de uma forma mais clara esse reforço em relação a valores de respeito, solidariedade, amizade. Só que se ele não tiver uma boa estrutura, se ele vier com os valores totalmente distorcidos de casa fica bem difícil para nós” (P10).

“Da Escola essa parte que estão realizando, os projetos, incentivar, pedir, mostrar para eles as consequências do que eles estão fazendo com os próprios colegas, que não é uma brincadeira, também tentar identificar os casos mais sérios e chamar a família” (P9).

“Da escola é isso que a gente costuma fazer, atuar dentro dos nossos limites, jamais quando chega alguma reclamação na escola, jamais ficamos sem atuar. Claro que muitas vezes não conseguimos um resultado imediato” (P3).

“A escola em primeiro lugar tem que chamar a família, sentar, conversar e reagir. Não deixar acontecer, porque quanto mais se deixar a situação vai piorando” (P12).

3.8 O papel da família frente ao *Bullying* na percepção do professor

Na percepção das entrevistadas, cinco professoras relataram que a família possui papel primordial no combate ao *Bullying*, pois é no ambiente familiar que a criança/adolescente se desenvolve enquanto ser humano. É neste meio que são ensinados os princípios morais e principalmente a educação. Na percepção das professoras é papel da família educar e com isso reverter a situação do *Bullying*.

“Muitas vezes, o pai pode achar que a gente não está agindo, mas a coisa as vezes tem que ser num caminhar mais lento. A gente sempre procura atuar. A escola sozinha não faz milagre, então no momento que a gente chama a família, que muitas vezes a família se sente fragilizada e acha que está sendo acusada de alguma maneira. Eu acho que não é esse o sentido que a gente tem que dar para a coisa. Eu acho que justamente o sentido é o da gente se unir para tentar resolver uma situação problemática que se apresentou. Então tanto a escola como a família não podem se furtar a se sentar e conversar ver o que que é possível fazer, se é preciso o auxílio de outros profissionais e buscar isso. Acho que esse é o papel que a gente tem que desempenhar tanto a família quanto a escola” (P3).

“E o papel da família é conversar com a criança, tem que chamar a família. Muitas vezes, a gente quer fazer o papel na família, fazer com que eles estendam, porque muitas vezes tem aquela coisa do pai chegar e dizer: _ Meu filho pode bater em todo mundo. Tem isso. Então, a gente tem que conversar, explicar que não é assim, porque a violência tem em todos os lugares” (P7).

“[...] e a família tem que participar. A família é quem educa. Está na mão da família reverter esse papel também” (P11).

Além disso, cinco entrevistadas evidenciaram que algumas famílias não querem aceitar que algo errado possa estar acontecendo. Ressaltaram que este problema acontece devido à ausência da família no ambiente escolar, dificultando o adequado manejo do *Bullying*. Também o *Bullying* pode ser cometido dentro do ambiente familiar, transmitindo às crianças/adolescentes naturalidade nesta situação.

“Primeiramente, acho que o grande problema começa em casa, porque aquela criança que está com esse problema, quem deveria ser tratado não é a criança é primeiramente a família. Porque a família é que vai dar alicerce, a base para essa criança entrar na escola. As pessoas confundem muito o ensinar com o educar. A educação é na família” (P10).

“Já chamamos a família, mas a família não aceita que ele tenha algum problema” (P12).

“[...] quando a família identifica pode procurar a escola, quando achar que tem algum problema. Na maioria das vezes eles não falam, quem sofre o bullying. Acabam não falando. Esse eu acho que seria o problema identificar, e a família procurar a escola” (P9).

“[...] A situação é os pais estarem sabendo o que está acontecendo, é estarem junto com a escola. Acontece, a gente sabe que tem famílias que praticam o bullying e passam para os filhos essa concepção. Acham que aquilo ali é normal” (P1).

4. Discussão

O *bullying* é uma categoria especial de violência escolar caracterizada por comportamentos agressivos intencionais e repetitivos de um indivíduo que é mais poderoso do que a vítima (Olweus, 2013; Lima *et al.*, 2021; Martire *et al.*, 2021, Harth *et al.*, 2022). Segundo Fante (2005), o fenômeno *bullying* é uma realidade nas escolas brasileiras, independente de turno de estudo, localização da escola, tamanho ou cidade onde se localiza, se são séries iniciais ou finais.

O termo *bullying* refere-se a uma forma de comportamento agressivo e violento dentro da escola (Oliveira *et al.*, 2015; Martire *et al.*, 2021; Farias *et al.*, 2022). É o tipo de violência escolar mais frequente entre estudantes, e compreende atitudes agressivas, intencionais e repetidas adotadas por um ou mais estudantes contra outro (Martire *et al.*, 2021; Harth *et al.*, 2022). Tognetta (2009) afirma que a violência se traduz como uma forma de resolver um conflito, onde se utiliza coerção física ou psicológica, e mesmo se tratando de agressão física, existe a presença do fator psicológico na motivação da agressão.

Segundo os participantes do estudo o *bullying* apresenta-se como um desrespeito, uma forma de abuso, violação e intimidação, uma forma de humilhação, que afeta a moral, acarretando na exclusão de quem o sofre de grupos sociais. As vítimas “alvos” do *Bullying* são escolhidas pelos agressores para sofrerem ameaças, humilhações, perseguições, intimidações e maus tratos (Tognetta, 2009; Anjos & Ramos, 2020; Costa *et al.*, 2021).

Pode ser classificado como direto ou indireto, sendo o primeiro mais facilmente identificável, incluindo agressões verbais, apelidos, ameaças, ou agressões físicas, como bater, chutar e empurrar. O segundo é um tipo de agressão mais dissimulada, por meio do isolamento e da exclusão social (Olweus, 1993). O *Bullying* é visto, pelos participantes do estudo como uma brincadeira de mal gosto, que se apresenta como uma forma de uma criança/adolescente se autoafirmar sobre outra. Para Fante (2005), o *Bullying* é um comportamento cruel, no qual os mais fortes, fazem os mais frágeis de objetos de diversão e prazer através de “brincadeiras”, mas que na verdade, têm o propósito de maltratar e intimidar a vítima.

Também foi citado pelos participantes do estudo o *CiberBullying*, compreendido como de difícil controle, pois se trata do uso da internet para difamar a imagem de uma pessoa. Por meio do *CiberBullying* ocorre a propagação dos insultos e das agressões, acontece muito rápido, envolvendo muitas pessoas em pouco tempo. O intuito é o mesmo do *Bullying* só mudam os meios pelo qual a violência é perpetuada (Dourado 2011). A internet se torna eficaz na prática do *Bullying* indireto, pois propaga e dissemina com rapidez e dimensões incalculáveis comentários e boatos cruéis sobre uma pessoa de forma pública (Chalita, 2008; Farias *et al.*, 2022; Silva Júnior *et al.*, 2022).

De acordo com Tognetta (2009), as formas de violência dentro do cotidiano da escola, na maioria das vezes não são cometidas de maneira explícita, são formas mais sutis de violência moral. As professoras acreditam que, muitas vezes, a situação pode passar despercebida, sendo conhecida quando os pais vão até a escola reclamar. Estudos indicam que a maioria dos professores tem dificuldade em identificar as agressões praticadas pelas crianças/adolescentes, principalmente as que acontecem de forma mais sutil (Mendes, 2011; Harth *et al.*, 2022).

O *Bullying* pode apresentar-se como uma grosseria em que, quem o pratica, ressalta um defeito, características físicas ou pessoais da vítima. As vítimas chamam a atenção e incomodam o agressor pelo simples fato de terem hábitos, comportamentos, estilos e sotaques diferentes, por não se enquadrarem em um padrão de beleza estipulado pela sociedade, onde algumas pessoas não se importam, porém boa parte vira escrava e outra sofre o preconceito (Dourado, 2011; Farias *et al.*, 2022; Harth *et al.*, 2022).

Estudo acerca das ações comumente praticadas pelos professores ao se depararem com situações em que ocorre esse tipo de violência apontou que essas envolviam a discussão entre professor e aluno, em que este conversa simultaneamente com os alunos envolvidos, investigam o motivo da agressão, conversam com a turma toda e conversar individualmente com o aluno envolvido. Citaram, também, terceirizar a resolução do problema para a coordenação e/ou direção; fazer os alunos dialogarem entre si e separar a briga (Santos *et al.*, 2015; Costa *et al.*, 2021).

Em estudo que buscou realizar uma análise crítica do *Bullying* os participantes referiram que buscam auxílio da orientadora da escola e realizam o encaminhamento psicológico das crianças nos casos de difícil resolução e que realizam o pedido de tratamento de alunos e/ou acompanhamento de suas famílias nos moldes ambulatoriais, na expectativa de reparar algo - seja de sua constituição psíquica ou das famílias entendidas como desestruturadas - que os tornaria afeitos à prática do *Bullying* (Canavez, 2015).

Os estudantes com comportamentos de agressão e vitimização frequentemente identificados pelos professores, devem passar por uma intervenção mediada pelos coordenadores da escola, buscando dessa forma aconselhamento através do diálogo no sentido de ajudar a trazer regras entre os alunos em conflito, a fim de garantir entre eles um nível mínimo de comunicação e convivência harmoniosa (Fante, 2005; Mendes, 2011; Harth *et al.*, 2022).

Pereira *et al.* (2011) traz que a escola deve ter um olhar diferenciado e destinado para um projeto-político-pedagógico que priorize o trabalho do fenômeno *Bullying* dentro da escola. É preciso reconhecer a existência do *Bullying*, através de uma visão ampliada, permitindo assim, ações intersetoriais nas escolas (Ioshinaga, 2015; Farias *et al.*, 2022).

A escola, em parceria com a família, pode informar aos pais, sobre seus programas de intervenção e palestras, que são disponibilizadas à comunidade escolar, a fim de instruí-los a intervir de forma eficaz diante do fenômeno, capacitando deste modo diferentes fontes de apoio (Costa, *et al.*, 2021). Ainda de acordo com Pereira *et al.* (2011) deve se implantar dentro da escola o apoio às famílias, qualificar dentro do espaço escolar os projetos e trazer a comunidade a fim de valorizar o tempo das crianças/adolescentes auxiliando-os na gestão do seu tempo livre.

Acreditam que crianças agressivas, só estão repetindo uma violência sofrida anteriormente em casa e que cometem tal agressão para se sentirem melhores, exporem sua raiva, e repassarem o que sofreram. Crianças que convivem com famílias em ambientes autoritários e de atitudes agressivas acabam tornando-se vítimas em casa e, conseqüentemente, agressoras na escola, pois apenas estariam reproduzindo situações vivenciadas em seus lares (Leão, 2010; Costa *et al.*, 2021).

Segundo Fante (2005) o comportamento agressivo por parte do autor, muitas vezes ocorre pela falta da presença da família no dia a dia da criança/adolescente ou, as vezes, pela falta de limites. Muitas vezes o agressor se vale de atitudes agressivas para descontar no outro a situação vivenciada em casa, ou as vezes por não ter o carinho e a atenção que gostaria de receber de seus pais (Leão, 2010; Nomelini *et al.*, 2020; Harth *et al.*, 2022).

A prática do *Bullying* pode ser causada pela necessidade que o agressor tem de se impor sobre o outro, seja para mostrar poder, como para sua satisfação pessoal. Percebe-se uma necessidade de autoafirmarem o tempo todo perante si e perante os outros (Leão, 2010; Feijó *et al.*, 2022).

Swearer *et al.* (2011) citaram alguns dos principais efeitos da vitimização, tais como solidão, maior evitação da escola, ideação suicida, baixa autoestima, depressão, ansiedade, problemas físicos de saúde e baixo rendimento acadêmico. Para os agressores, as autoras apontaram maior risco de problemas de conduta, envolvimento com delinquência e condenação por crimes na vida adulta. As vítimas-agressoras, por sua vez, foram consideradas o grupo em maior vulnerabilidade, com maior risco de diagnóstico de hiperatividade, depressão, baixo engajamento acadêmico e indicação para tratamento psiquiátrico.

Identifica-se que, de maneira geral, as vítimas e os espectadores sentem medo constante, insegurança, ansiedade e retraimento social. Além disso, têm baixo desempenho escolar, autoestima reduzida, sentimentos negativistas e depressão. Em casos mais graves, podem cometer suicídio. Os agressores podem se envolver em situações de violência doméstica, uso e abuso de drogas e prática de atos infracionais (Fung, 2012; Anjos & Ramos, 2020; Feijó *et al.*, 2022).

Desta forma, as consequências do *bullying* podem ser incalculáveis, porém dependem de cada indivíduo, da estrutura, da vivência, da intensidade das agressões, porém verifica-se que todas as vítimas desse tipo de violência, irão sofrer e carregar marcas que podem durar por toda a vida adulta. Ser vítima do *bullying* provoca sentimentos intensos de medo e vergonha, aumenta a vulnerabilidade, baixa a autoestima e leva à ansiedade, à depressão e a sensações de impotência que costumam aumentar a vitimização (Lima, 2011; Costa *et al.*, 2021; Farias *et al.*, 2022).

Além disso, o *bullying* pode provocar a vitimização também das famílias, chegando a causar prejuízos financeiros, sociais e emocionais aos pais da vítima bem como as crianças e adolescentes que sofrem ou seus praticantes, podendo os mesmos necessitarem de assistência psicológica, educação especial, apoio de programas sociais e até mesmo da ajuda da justiça da infância e adolescência (Lima, 2011; Nomelini *et al.*, 2020; Feijó *et al.*, 2022; Marques *et al.*, 2022). Nesse sentido, o *bullying* é considerado como um problema de saúde pública, e como tal deve ser reconhecido também pelos profissionais da área de saúde bem como por toda a comunidade escolar juntamente com a sociedade.

Quanto ao papel da escola frente ao *Bullying* verificou-se que, na atualidade, a escola tem que lidar com os mais variados conflitos precipitados nas relações de ensino-aprendizagem (Canavez, 2015; Marques *et al.*, 2022). Nesse contexto, as professoras participantes do estudo citaram como papel da escola a participação integrada entre a comunidade escolar e as famílias. Os representantes da escola deveriam chamar os pais dos alunos ao identificarem alguma alteração no comportamento do aluno (Santos *et al.*, 2015; Costa, *et al.*, 2021).

Acreditam que a escola cabe identificar os casos, bem como atuar na sua prevenção e controle. Estudo acerca do abandono da escola devido à violência sofrida referiu como importante os educadores desenvolverem programas e práticas para reduzir a violência por meio de projetos de prevenção (Orpinas & Raczynski, 2016). São necessários programas para diminuir a violência escolar, abrangendo tanto professores, alunos vitimizados bem como agressores (Stelko-Pereira & Williams, 2016; Finkelhor *et al.*, 2012).

Em um estudo que objetivou descrever as estratégias utilizadas para identificar situações de *Bullying* no país e discutir o alcance e limitações destas medidas de avaliação apontou que, no Brasil, estudos sobre *Bullying* são recentes e não há consenso sobre os métodos mais eficazes para a identificação do fenômeno (Silva *et al.*, 2014).

Estudo apontou que alunos e professores consideraram relevante adotar medidas de prevenção, tais como palestras e reuniões envolvendo pais e professores nas quais haja destaque às consequências do *Bullying*. De modo geral, identificou-se que as ações destacadas por professores e alunos focavam em remediar ou punir ocorrências de *Bullying*, ao invés de prevenir.

Ressalta-se que além de estratégias educativas que visem prevenir o *Bullying*, também são necessárias mudanças nas condições que mantêm a ocorrência dos problemas identificados (Santos *et al.*, 2015; Marques *et al.*, 2022).

Alsaker e Valkanover (2012) argumentaram que sessões de grupo com educadores em programas de prevenção são essenciais, a fim de desenvolver o hábito de cooperação entre si em tais situações. Roland e Midthassel (2012) ressaltam que os professores têm o controle do comportamento dos alunos em sala de aula. Se esse exercer uma liderança pobre sobre os alunos facilita que esses apresentem comportamento violento para com os seus pares, e mesmo em relação ao próprio professor. Os autores enfatizaram que os educadores devem impor regras claras e de forma consistente, ao passo que, ao mesmo tempo seja solidário e sensível às necessidades e interesses dos alunos. Além disso, é importante que os professores analisem as dinâmicas de poder que ocorrem entre os estudantes e, conseqüentemente, procure dirigir as habilidades de liderança do estudante de uma forma positiva.

Estudantes com comportamentos de agressão e vitimização frequentemente identificados pelos professores, devem passar por uma intervenção mediada pelos coordenadores da escola, buscando dessa forma aconselhamento através do diálogo no sentido de ajudar a trazer regras entre os alunos em conflito, a fim de garantir entre eles um nível mínimo de comunicação e convivência harmoniosa (Fante, 2005; Mendes, 2011; Nomelini *et al.*, 2020; Feijó *et al.*, 2022).

Ioshinaga (2015) sugere que a comunidade escolar seja mobilizada para que seja possível a concretização da cultura da participação, uma vez que a educação se torna peça-chave na construção da cidadania, autonomia e formação da identidade das pessoas e ao mesmo tempo insere a sociedade na escola pública. Reflexões em sala de aula e encaminhamentos a direção, geralmente, são medidas reacionárias e pouco preventivas do *Bullying*, pois o mesmo é complexo, necessitando de ações mais eficazes de prevenção, requerendo métodos igualmente complexos que atinjam toda a escola, medidas preventivas a fim de evitar o problema a longo prazo e não somente pós fato (Olweus, 2013; Mendes, 2011; Marques *et al.*, 2022).

Ainda que os aspectos individuais dos alunos sejam admitidos como decisivos para a ocorrência de *Bullying*, características do ambiente escolar também podem contribuir para a manutenção do fenômeno. Fatores como o tamanho, estrutura física, regras e normas da escola, políticas administrativas, atitudes e práticas educacionais de professores são fatores que, quando inadequados, podem contribuir para a incidência de comportamentos agressivos dos alunos ou, no mínimo, podem diminuir a eficácia das tentativas de resolução desse problema (Olweus, 2013). Para que os programas de prevenção sejam efetivos, eles devem unir estratégias individuais e mudanças na organização da escola, envolvendo professores, estudantes, administradores, pais e membros da comunidade (Swearer *et al.*, 2011; Costa, *et al.*, 2021).

A escola deve trabalhar a temática dentro da sala de aula no cotidiano letivo, ressaltando sempre a comunicação, o respeito com o outro, a educação, a solidariedade e a amizade. Em estudo acerca das conseqüências e medidas preventivas do *Bullying* na percepção de professores e alunos do ensino fundamental os professores relataram o diálogo com os envolvidos como principal atitude e os alunos apontaram como medidas mais comuns a retirada de sala e encaminhamento à coordenação (Santos *et al.*, 2015; Feijó *et al.*, 2022). Destaca-se que para prevenir é necessário buscar os motivos da agressão para saber como agir futuramente e mediar o conflito (Santos *et al.*, 2015; Harth *et al.*, 2022).

Verificou-se que o clima escolar também interfere na revelação dos casos de *Bullying* pelas vítimas. À medida que os alunos perceberem o ambiente escolar como positivo, no qual atos violentos não são tolerados e os professores se engajem em pará-los, esses alunos estariam mais propensos a revelarem serem vítimas, possibilitando intervenções mais precocemente (Brino & Lima, 2015; Nomelini *et al.*, 2020; Farias *et al.*, 2022).

Em estudo que objetivou identificar para quem as vítimas de *Bullying* revelam o caso os estudantes indicaram esperar atitudes dos educadores, após a revelação, tais como conversar com o agressor, estar disponível para ouvir a vítima e auxiliá-la na resolução do problema. Infelizmente, em algumas escolas a revelação do *Bullying* é prejudicada porque o mesmo é visto

como característico do ambiente escolar, de modo que se entende que não há o que possa ser feito para impedi-lo (Brino & Lima, 2015; Costa, *et al.*, 2021; Marques *et al.*, 2022).

O fato de desejarem que o professor converse com o agressor pode ser interpretado como uma forma rápida de interromper as intimidações, uma vez que o pedido é feito a alguém com autoridade em sala de aula e espera-se que os outros alunos, incluindo o autor de *Bullying*, o respeitem. Compreendem o professor como uma pessoa capacitada para solucionar situações de *Bullying* (Brino & Lima, 2015; Nomelini *et al.*, 2020; Feijó *et al.*, 2022).

A escola pode não possuir regras claras e consistentes em relação à violência (Stelko-Pereira & Williams, 2010). Eliot *et al.* (2010), identificaram que alunos buscam suporte e ajuda de funcionários da escola quando estes são percebidos como receptivos e acessíveis, porém, o funcionário precisa propor soluções eficientes para a resolução do problema.

Nessa perspectiva, não se pode considerar o *Bullying* um fenômeno circunscrito apenas ao ambiente escolar. O modelo explicativo deve abranger outros contextos, como o familiar. Sabe-se que a família é o primeiro espaço de desenvolvimento do ser humano e onde são internalizados emoções e repertórios de comportamento que serão experimentados em outros lugares de socialização, como a escola (Lee & Song, 2012; Voisin & Hong, 2012; Farias *et al.*, 2022).

Estudo que buscou conhecer e mapear a produção científica que evidencia relações entre o contexto familiar e o envolvimento em situações de *Bullying* escolar mostrou que aspectos familiares estavam associados ao envolvimento de estudantes em situações de *Bullying*. Referiram que os pais podem ter maior efeito regulador em condutas como o *Bullying* (Oliveira *et al.*, 2015). Um contexto social desfavorável, marcado pela monoparentalidade, a baixa escolaridade dos pais ou o baixo nível socioeconômico dos pais, implica em dificuldades de relacionamento interpessoal no contexto familiar, o que prevê problemas de comportamento dos filhos dessas famílias, como o *Bullying*. Esses resultados demonstraram que os problemas de comportamento de estudantes, como o *Bullying*, estão associados às características familiares, mas não somente a elas (Oliveira *et al.*, 2015; Nomelini *et al.*, 2020).

Famílias que dão suporte aos filhos vítimas de *Bullying* permitem que estes possam romper com o ciclo de violência e abusos, fortalecendo-os a desenvolverem mecanismos de enfrentamento para lidar com o processo de vitimização. O clima familiar, nesse sentido, é entendido como elemento básico para se explicar comportamentos de *Bullying* na escola. É nessa dimensão da vida que ocorrem aprendizagens de comportamento e manejo social, e a internalização de métodos que podem se traduzir em estratégias de relacionamento que extrapolam o contexto familiar, influenciando na conduta social de crianças e adolescentes, podendo exercer efeitos diretos ou indiretos no envolvimento com o *Bullying* (Oliveira *et al.*, 2015; Farias *et al.*, 2022; Harth *et al.*, 2022).

4. Conclusão

Os dados do estudo possibilitam concluir que o *Bullying* é uma realidade nas escolas. Nesse sentido, professores e agentes escolares e famílias precisam ser orientados sobre como agir para prevenir e coibir esse tipo de ação. O enfermeiro da saúde escolar precisa trabalhar com os alunos, pais, professores e funcionários das escolas acerca do que é o *Bullying* e suas consequências, oferecer subsídios para que possam identificar seus sinais e formas de abordagem junto a vítimas e agressores.

A atuação do enfermeiro dentro da escola ou até mesmo em unidades básicas de saúde é no intuito de criar uma rede de apoio, interligando escola e saúde da modo a educar e auxiliar no diagnóstico, realizando encaminhamentos se necessário junto a alunos, professores e famílias; na busca da prevenção em primeiro lugar.

O desenvolvimento de uma cultura da não violência na escola passa pela implicação dos envolvidos nesse problema. Destaca-se o importante papel da família no processo de desenvolvimento saudável da criança e do adolescente e na criação de mecanismos de atendimento de situações de violência que possam minimizar a gravidade dos casos reabilitando agressores e tratando as vítimas.

O enfermeiro pode desempenhar um papel importante, na medida em que esta área oferece oportunidades de resposta para os processos de desenvolvimento ou adaptação através do qual passam os alunos, professores e comunidade escolar como um todo. Faz parte da responsabilidade da enfermagem como uma área de conhecimento e como profissão, contribuir com a promoção de processos de autonomia, saúde e viver, identificando sinais de risco, comportamentos e modalidades de participação dos estudantes em situações de *Bullying*. Dadas as suas características de formação e inserção em diferentes contextos, a enfermagem pode favorecer o alerta às famílias sobre as consequências deste fenómeno, orientando-os para a intervenção, bem como incentivar e apoiar as escolas na implementação de programas para a prevenção e redução da violência.

Referências

- Alsaker, F. D. & Valkanover, S. (2012). The Bernese program against victimization in kindergarten and elementary school. *New Directions of Youth Development*. <https://doi.org/10.1002/yd.20004>
- Alves, D. O., Barbosa, F. R., Colares, V., Santos, C. F. B. F., Menezes, V. A. & Godoy, F. (2020). Maloclusão e bullying em adolescentes escolares. *Research, Society and Development*. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i10.8403>
- Anjos N. R. & Ramos M. F. H. (2020). A escolarização de adolescentes em conflito com a lei: uma revisão da literatura. *Research, Society and Development*. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i11.10310>
- Barreto M. F., Freitas M. C. S. & Pena P. G. L., (2021). A fila da merenda escolar no Ensino Médio: violência e direito alimentar *Research, Society and Development*. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i15.23197>
- Bardin L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Brandão C. A., Santos L. S., Ribeiro D. S. S., Rodrigues M. J. R. A., Santos S. C., Lima E. O. *et al.* (2021). Associação entre a exposição ao comportamento sedentário e fatores alimentares, sociais e de saúde mental em adolescentes da rede pública estadual de Sergipe. *Research, Society and Development*. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i4.13938>
- Brasil. *Saúde na escola*. (Caderno de atenção básica, n.24). MS, 2009.
- Brasil. *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar*. PeNSE 2009. IBGE, 2009.
- Brasil. Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor (CEATS). (2010). *Bullying escolar no Brasil*. São Paulo: Fundação Instituto de Administração
- Brino R. F. & Lima M. H. C. G. (2015). Compreendendo estudantes vítimas de Bullying: para quem eles revelam? *Psicol educ*. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752015000100003.
- Cabral L. F. S., Gusmão B. A., Barbosa F. R., Fonseca Neto A. C., Anjos R. S., Monteiro V. R. *et al.* (2021). Associação entre o bullying e cyberbullying com as alterações de peso em adolescentes escolares de Olinda-PE: Estudo exploratório. *Research, Society and Development*. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i14.21439>
- Canavez F. (2015). A escola na contemporaneidade: uma análise crítica do Bullying. *Psicol esc educ*. <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0192832>
- Chalita G. (2008). *Pedagogia da amizade-bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores*. 2 ed. Gente.
- Costa F. G., Coutinho M. P. L., Cavalcanti J. G., Coutinho M. L. & Fonseca A. A. R. (2021). Bullying, depressão e representações sociais no contexto escolar. *Research, Society and Development*, <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i16.23617>
- Demarzo, M. M. P.; Aquilante, A. G. Saúde Escolar e Escolas Promotoras de Saúde (2008). In: *Programa de Atualização em Medicina de Família e Comunidade*. Porto Alegre (RS): Artmed.
- Dias, L. V. (2011). *Bullying: um caso de violência nas escolas*. 27f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, 2011.
- Dourado L. P. D. (2011). *Uma breve reflexão sobre o bullying no ambiente escolar e o papel do professor*. 2011. 48 f. Monografia – Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB.
- Eliot M. Cornell D., Gregory A. & Fan X. (2010). Supportive school climate and student willingness to seek help for Bullying and threats of violence. *J school psychology*. <https://doi.org/10.1016/j.jsp.2010.07.001>
- Fante, C. A. Z. (2005). *Fenômeno bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Verus.
- Farias A. C. N., Barros M. B. S. C., Araújo W. J. S., Silva A. C. C., Oliveira S. R. D. E., Santos T. A. *et al.* (2022). Fatores associados à violência escolar com adolescentes: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i8.30519>
- Feijó M. C. B., Lembo V. M. R., Kimura K. Y., Andrade A. L. M., Sampaio J. M. C. & Oliveira W. A. (2022). Revisão com síntese qualitativa sobre as experiências de meninos e meninas que praticam bullying na escola. *Research, Society and Development*. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i2.25668>

- Finkelhor D., Turner H. A. & Hamby S. (2012). Let's prevent peer victimization, not just Bullying. *Child Abuse and Neglect*. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chiabu.2011.12.001>
- Fung A. L. (2012). Intervention for aggressive victims of school bullying in Hong Kong: a longitudinal mixed-methods study. *Scandinavian Journal of Psychology*. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-9450.2012.00953.x>
- Harth R. F., Martins L. M. D. G., Yunes M. A. M. & Lima R. F. F. (2022). Prevalência de bullying no contexto escolar: um estudo com escolares em um município do Rio de Janeiro. *Research, Society and Development*. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i7.29516>
- Ioshinaga A. C. M. (2015). *Bullying e o trabalho do enfermeiro no contexto escolar: validação de um programa de intervenção através do método Delphi*. 2015. 123f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola de enfermagem em saúde pública. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Leão L. G. R. (2010). O fenômeno bullying no ambiente escolar. *Revista FACEVV*. <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12813570/o-fenomeno-bullying-no-ambiente-escolar-facevv>.
- Lee C. H. & Song J. (2012). Functions of parental involvement and effects of school climate on Bullying behaviors among South Korean Middle School students. *J interpersonal violence*. <http://dx.doi.org/10.1177/0886260511433508>
- Lima C. M., Silva A. R. A., Mendonça A. M., Maciel N. S., Sales N. I. S. & Brasil E. G. M. (2021). Promoção da saúde mental e enfrentamento ao bullying no ambiente escolar. *Research, Society and Development*. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i5.14692>
- Lima J. S. (2011). *Análise da percepção dos professores acerca do bullying*. 2011. 25f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.
- Martire, S. R. A., Santos C. C. R., Santos B. P., Grecco L., Fernandes R. M., Santos K. S. *et al.* (2021). Bullying no ambiente escolar: levantamento bibliográfico das publicações nos anais de um instituto federal de ensino. *Research, Society and Development*. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i10.18569>
- Minayo M. C. S. (2010). *O desafio da pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 27 ed. Vozes.
- Mendes C. S. (2011). Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção. *Rev Esc Enferm USP*. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342011000300005>
- Moura, D. R., Cruz, A. C. N. & Quevedo, L. A. (2011). Prevalência e características de escolares vítimas de Bullying. *J. pediatr*. <https://doi.org/10.1590/S0021-75572011000100004>
- Nomelini Q. S. S., Cunha N. S. S., Fernandes R. M., Oliveira R. R., Santos C. C. R., Aguenta M. S. (2020). School Bullying and the Perception of Mato Grossoense Students. *Research, Society and Development*., <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.3865>
- Oliveira W. A., Silva M. A. I., Mello F. C. M., Porto D. L., Yoshinaga A. C. M. & Malta D. C. (2015a). Causas do Bullying: resultados da pesquisa nacional de saúde da escola. *Rev lat am enferm*. <https://doi.org/10.1590/0104-1169.0022.2552>
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. Inglaterra: Blackwell.
- Orpinas P. & Raczynski K. School climate associated with school dropout among Tenth graders. *Pensam. psicol*. <https://psycnet.apa.org/record/2016-11439-001>. Acesso em: 2022 ago 17.
- Pereira B., Cost P. J., Melim F. M. & Farenzena R. C. (2015). Bullying escolar: programas de intervenção preventiva. In: Gisi M. L. & Ens R. T. *Bullying nas escolas*. Estratégias de intervenção e formação de professores. Curitiba: Unijuí.
- Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012*. (2012). Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: MS.
- Roland E. & Midthassel U. V. (2012). The zero program. *New Directions of Youth Development*. <https://doi.org/10.1002/yd.20005>
- Santos M. M., Perkoski I. R. & Kienen, Nádia (2015). Bullying: atitudes, consequências e medidas preventivas na percepção de professores e alunos do ensino fundamental. *Temas psicol*. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.4-16>
- Schultz N. C. W., Duque D. F., Silva C. F., Souza C. D., Assini L. C. & Carneiro M. G. M. (2012). A Compreensão sistêmica do Bullying. *Psicol estudo*. <https://www.scielo.br/j/pe/a/3s8Bkbw8Bc9nFR96vZj45Mm/abstract/?lang=pt>.
- Silva M. A. I., Silva J. L., Pereira B. O., Oliveira W. A. & Medeiros M. (2014a). O Olhar de professores sobre o Bullying e implicações para atuação da enfermagem. *Rev esc enf. Ribeirão Preto*. <https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000400021>
- Silva M. A. I., Silva J. L., Pereira B. O., Oliveira W. A. & Medeiros M. (2014b). The view of teachers on Bullying and implications for nursing. *Rev esc enferm USP*. <https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000400021>
- Silva Junior J. A., Matos S. G., Silva L. E. S., Torres A. C. F., Alves D. G. S. *et al.* (2022). Vivências de educação em saúde com a juventude: relato de estudantes de enfermagem *Research, Society and Development*. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i10.32648>
- Stelko-Pereira A. C., Williams, L. C. A. (2016). Evaluation of a Brazilian School Violence Prevention Program (Violência Nota Zero). *Pensam psicol*. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000100005.
- Swearer S. M., Espelage D. L., Napolitano S. A. (2011). *Bullying prevention and intervention: Realistic strategies for schools*. Guilford Press.

Ttofi, M. M. & Farrington, D. P. (2011). "Effectiveness of school-based programs to reduce bullying: a systematic and meta-analytic review". *Journal of Experimental Criminology*. <https://doi.org/10.1002/ycd.20004>

Tognetta L. R. P. (2009). Violência na escola x violência da escola. *Anais do Congresso Nacional de Educação da PUCPR e do Congresso Ibero-Americano sobre Violências nas Escolas*, Curitiba, PR, Brasil, 8/3.

Voisin D. R. & Hong J. S. (2012). A meditational model linking witnessing intimate partner violence and Bullying behaviors and victimization among youth. *Educational Psychology Review*. <https://doi.org/10.1007/s10648-012-9197-8>